

Inclusão da disciplina Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nos cursos de licenciatura da Universidade UNIGRANRIO

Ana Paula Silva Oppenheimer Forte¹ e
Haydêa Maria Mariano de Sant'Anna Reis²

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever as atitudes dos alunos licenciandos em relação à inclusão da disciplina LIBRAS nos cursos de licenciatura. Para que tal fim fosse atingido, 233 alunos de três diferentes *campi* de uma instituição de ensino superior responderam a um questionário. Os resultados obtidos revelam que estes alunos tendem a possuir atitudes desfavoráveis em relação à disciplina Língua Brasileira de Sinais e à surdez. Pode-se concluir que há a necessidade de mais pesquisas sobre este tema no Brasil, haja vista a importância e a necessidade do uso da língua brasileira de sinais para a plena cidadania da comunidade surda: respeitar a forma de comunicação do surdo é um dever da sociedade e de todos. Espera-se que através da inclusão da disciplina LIBRAS nos cursos de licenciatura os futuros profissionais, em ampla articulação com diversos setores e a sociedade civil, tornem a LIBRAS uma língua presente na vida social, política e econômica brasileira, favorecendo assim a construção da sociedade inclusiva.

Palavras-Chave: Inclusão da disciplina LIBRAS. Difusão e ensino da língua de sinais. Atitude dos alunos licenciandos.

1 - Introdução

Este trabalho pretende discutir aspectos da inclusão da disciplina LIBRAS nos cursos de licenciatura, as representações das identidades surdas e a cultura/

¹Mestranda em Psicologia — Universidade Salgado de Oliveira. Professora Colaboradora — Escola de Educação, Ciências, Letras e Humanidades da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). E-mail: oppenheimerap@yahoo.com.br / paula.forte@unigranrio.edu.br

²Doutora em Educação — UERJ. Professora Titular — Programa de Pós-Graduação: Letras e Ciências Humanas e Ensino de Ciências na Educação Básica da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). E-mail: bmarioa@unigranrio.br

identidade, focando na área da surdez, a qual tem sido o campo da nossa atuação profissional no decorrer desses anos.

O presente artigo discute as mudanças que ocorreram na instituição anteriormente citada após a inserção da disciplina nos cursos de licenciatura. A seguir, apresentamos os pressupostos teóricos e os dados que sustentam a discussão, com a finalidade de levar os profissionais que trabalham com surdos a refletirem sobre a importância da LIBRAS para o surdo. Em termos específicos, procurávamos: 1. analisar as concepções dos discentes dos cursos de licenciatura acerca da LIBRAS; 2. levantar as dificuldades e os problemas com a inclusão da disciplina Língua Brasileira de Sinais; 3. analisar as representações dos discentes sobre a disciplina; 4. identificar fatores que contribuem para a aprendizagem do ensino da língua brasileira de sinais. As pesquisas relatam as conquistas, as lutas após o estranhamento e o forte impacto cultural vivido na experiência.

1.1 - Implementações da disciplina LIBRAS nos cursos de licenciatura da UNIGRANRIO

Regulamentação da Lei de LIBRAS

Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005²

Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — LIBRAS e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

DECRETA:

CAPÍTULO II

DA INCLUSÃO DA LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

Em cumprimento ao Decreto e à Lei acima citados e em consonância com eles, a Universidade implementou a disciplina LIBRAS no primeiro semestre de 2009, sendo ela oferecida para todos os cursos de licenciatura. A disciplina foi disponibilizada para os alunos, neste primeiro momento, de forma gratuita, por se tratar de um acréscimo inesperado, o que ocasionaria, para muitos, alteração em seus orçamentos.

²Texto na íntegra disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/D5626.htm. Acesso em: 10 de julho de 2009.

A Universidade seguiu critérios rigorosos para a contratação dos professores desta disciplina, sendo os focos principais a formação deste tipo de profissional e a fluência na língua de sinais. Foram realizadas entrevistas, análise de currículo e prova prática em LIBRAS, sendo contratados dois profissionais, um com formação de intérprete da língua brasileira de sinais e o outro, especialista em língua brasileira de sinais e curso de LIBRAS pela FENEIS, para atuarem nos cursos de licenciatura em Pedagogia, Letras, História, Informática, Ciências Biológicas, Matemática e Artes Visuais.

A disciplina tem carga horária de 40h — 2 créditos — e aborda como tópicos principais os seguintes descritos na ementa: 1. aspectos legais que fundamentam a inclusão no contexto escolar brasileiro; 2. a visão contemporânea de aspectos socioantropológicos, clínicos e educacionais em relação à surdez; 3. a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e os critérios diferenciados da língua portuguesa para surdos; 4. LIBRAS e noções básicas de léxico, morfologia e sintaxe; 5. a expressão espacial como recurso facilitador da aprendizagem; e 5. dinâmicas e técnicas para interpretação.

A ementa da disciplina tem por objetivos: analisar criticamente a situação educacional do país no que diz respeito à inclusão, compreendendo-a tanto na perspectiva da legislação vigente, quanto na perspectiva de contextos socioantropológicos que descrevem o cenário atual; compreender o campo teórico da língua de sinais, os estudos e as pesquisas atuais capazes de viabilizarem a formação bilingue.

Os tópicos principais incluídos na programação do conteúdo da disciplina foram descritos conforme a apresentação: 1. Inclusão: contexto escolar e social. Indicadores socioantropológicos, legais e clínicos da surdez; 2. LIBRAS: a dimensão política e pedagógica; 3. aspectos da fonologia: configurações de mão (movimentos, locação e orientação), expressões não manuais; 4. o alfabeto manual e os números em LIBRAS; 5. expressões socioculturais: cumprimento/saudação, agradecimento, desculpas, desagrado etc.; 6. a composição do léxico — morfologia: determinadas classes de palavras: substantivos, adjetivos e verbos; 7. sintaxe: frases afirmativas e negativas; 8. aspectos temporais: as horas; e 9. diálogo/conversação.

A proposta também apresentava atividades práticas a serem desenvolvidas na disciplina. Segundo a ementa, os procedimentos a serem adotados pelos docentes envolvem aulas presenciais teórico-práticas, a partir da utilização de diferentes recursos e técnicas didáticas, como análise de textos, pesquisas, observação de experiências concretas que viabilizem o aprimoramento das expressões faciais e corporais como forma de comunicação e expressão, dentre outras.

1.2 - Dificuldades e elementos facilitadores no processo de inclusão da disciplina LIBRAS

Por ser uma disciplina nova, a LIBRAS causou certo estranhamento. Na sala dos professores eram poucos os que a conheciam e, quando eram questionados sobre a disciplina que lecionavam, após a minha resposta, alguns perguntavam espantados, evidenciando um desconhecimento: “LIBRAS, o que é isso?” Para alguns funcionários também foi difícil a compreensão do porquê da necessidade de se aprender LIBRAS. Algumas vezes fui questionada sobre o motivo de as turmas dos cursos de Ciências Biológicas e Informática aprenderem LIBRAS. Naquela ocasião aproveitei para explicar a obrigatoriedade da implementação da disciplina em todos os cursos de licenciatura e acrescentar sobre a importância deste aprendizado no sentido de contribuirmos para uma efetiva inclusão das pessoas surdas na sociedade.

As turmas estavam resistentes ao aprendizado da língua brasileira de sinais, e 90% dos alunos até mesmo a desconheciam, achando que seria mais uma disciplina e sem utilidade. Desta forma, percebi que era preciso

[...] redesenhar um novo caminho para o aprendizado: um espaço de motivação, despertar o interesse, permitir aos alunos a possibilidade de apreciarem a evolução de polêmicas não resolvidas na educação dos surdos e de produzirem a sua própria perspectiva crítica, criando um ambiente de questionamentos onde todos se sentissem encantados em aprender essa língua mágica a língua de sinais.”

Profa. Ana Paula Oppenheimer

1.3 - Atitudes dos discentes

Barbosa (2003) assinala que o “número de tópicos para os quais as pessoas podem ter atitudes é praticamente ilimitado”. Dentre eles, como indicado anteriormente, este estudo optou pelas atitudes em relação à inclusão da disciplina LIBRAS nos cursos de licenciatura. Uma atitude favorável em relação a determinado objeto acarretará a aproximação e a defesa deste; uma atitude negativa, pelo contrário, implica hesitação e comportamento negativo.

Em síntese, a atitude é um estado de prontidão para a ação ou para a reação na presença de certos estímulos, levando as pessoas a se *afastarem* ou a se *aproximarem* de um determinado objeto. Se o indivíduo possui uma atitude favorável em relação a alguma coisa, ele irá aproximar-se dela e defendê-la; mas, se tem uma atitude desfavorável, irá evitá-la ou apresentará comportamentos negativos em relação a ela.

Foi bastante diversa a maneira como os alunos inicialmente elaboraram o

conceito da língua brasileira de sinais. Os depoimentos coletados nos primeiros dias de aula e apresentados a seguir demonstram esta diversidade:

Discurso 1: Seria muito chato aprender a falar com as mãos, além de ter aquela concepção ignorante de se perguntar o porquê de se estudar Libras, qual seria a utilidade? [...].

Discurso 2: Nunca iria utilizar. Não faz parte do meu mundo. Indiferente e sem significado. A língua dos cegos. Difícil [...].

Discurso 3: Uma disciplina dispensável, aulas monótonas e desinteressantes [...].

Discurso 4: Uma língua na qual as pessoas 'caçoam' umas das outras, sem estrutura, e é representada através dos dedos [...].

Discurso 5: Algo desconhecido e estranho [...].

Discurso 6: Uma linguagem destinada somente ao trabalho com os deficientes auditivos [...].

Discurso 7: Algo sem importância, é somente a forma de os surdos se comunicarem entre eles [...].

Discurso 8: Extremamente complicado, de difícil compreensão, e só seria útil se convivesse diretamente com uma pessoa especial [...].

Discurso 9: Constituída de um alfabeto manual, conjunto de gestos que interpretam a língua oral e que somente é utilizada pelos surdos-mudos [...].

Foi possível perceber que as concepções sobre LIBRAS eram algo complexo. Dependia de cada ser humano e das vivências com a língua de sinais como um todo, suas crenças, seus valores e seus costumes. Por isso, o conceito elaborado inicialmente era ora positivo, ora negativo e, conforme eram vivenciadas as relações de interação professor-aluno durante o semestre letivo, a convivência com a disciplina Língua Brasileira de Sinais transformava o conceito inicial.

2 - Re(conhecendo) a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

O estudo da língua brasileira de sinais se fez presente de forma árdua. Embarquei profundamente em um diálogo com Felipe (2008), Quadros (2007) e Perlin

(2007), procurando definir, discutir, analisar e — apesar de o termo ser amplo e constar de pesquisas atuais na área da Educação Especial/Educação Inclusiva — dediquei-me apenas às pesquisas de Felipe sobre aspectos conceituais acerca da origem da língua brasileira de sinais.

LIBRAS é uma das línguas faladas no Brasil, tem a finalidade de apresentar ao aluno a língua e a cultura surdas, obteve o reconhecimento oficial do governo brasileiro com a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, como meio legal de comunicação e expressão. Esta mesma Lei prevê ainda que o Poder Público e as concessionárias de serviços públicos devem garantir formas institucionalizadas de apoiar o uso e a difusão da LIBRAS como meio de comunicação objetivo e de uso corrente das comunidades surdas do Brasil.

É a língua utilizada pela maioria das pessoas surdas no mundo. Segundo Felipe (*ibidem*), existem no Brasil duas línguas de sinais: kaapor (LSKB), utilizada pelos índios da tribo Urubus-Kaapor, na Floresta Amazônica, e a língua brasileira de sinais, empregada pelas comunidades surdas urbanas. Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta às mudanças culturais e tecnológicas. Dessa forma, a cada necessidade surge um novo sinal desde que ele se torne aceito, sendo usado pela comunidade.

Assim como diversas línguas existentes, a LIBRAS é composta por níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Desse modo, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos no qual há uma forma de comunicação e expressão, de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria. Fundamentou-se primeiramente na língua de sinais francesa, apresentando semelhanças em relação a várias línguas de sinais europeias e à norte-americana.

Ao contrário do que muitos acreditam, a língua de sinais não é somente um conjunto de gestos que interpretam as línguas orais, e a apresentação sinalizada do alfabeto oral não é o modo principal de comunicação entre os surdos. Eles utilizam esta técnica (datilologia) apenas para designar nomes de pessoas/estabelecimentos ou para explicar, em última tentativa, uma palavra que não tenha sido compreendida pelo receptor.

A comunicação em LIBRAS se dá através de sinais manuais e não manuais, cuja configuração segue “gramática específica: a posição e o movimento da mão, o ponto de articulação do sinal, isto é, no corpo ou no espaço de sinalização, e as expressões faciais ou corporais” (FELIPE, 2008, p.21).

Santoro (2000) afirma que “língua” designa um sistema específico de signos que é utilizado por uma comunidade para a comunicação. Desse modo, a LIBRAS é uma língua natural surgida entre os surdos brasileiros com o propósito de atender às necessidades comunicativas de sua comunidade. Línguas de sinais são línguas

naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre os surdos, além de poderem expressar, através de sua estrutura, qualquer conceito, desde o descritivo/concreto até o emocional/abstrato.

3. Material e métodos

Trata-se de um estudo etnográfico⁴ (André, 1995) que adotou os pressupostos do método qualitativo no que concerne ao seu esquema interpretativo da significação de uma essência existencial, que como tal deve ser descrita. Foi realizada nos municípios de Duque de Caxias, Rio de Janeiro (Lapa) e Silva Jardim, com os alunos dos cursos de Ciências Biológicas, História, Informática, Letras e Pedagogia da Universidade do Grande Rio Prof. José de Souza Herdy (UNIGRANRIO). Os informantes do estudo foram 233 alunos, e a investigação à qual procedemos se deu em sala de aula, num contexto atravessado por multiplicidade de sentidos que, por sua vez, faz parte de um universo cultural a ser estudado. Através basicamente da observação participante, procuramos entender essa cultura, usando para isto uma metodologia que envolvesse registro de campo, entrevistas, análises de documentos, fotografias. Os dados são considerados sempre inacabados. A observação não pretendia comprovar teorias nem fazer *grandes* generalizações. O que buscamos foi de fato descrever a situação, compreendê-la, revelar os seus múltiplos significados, deixando que o leitor decidisse se as interpretações poderiam ou não ser generalizadas com base em sua sustentação teórica e em sua plausibilidade (EZPELETA, 1986).

Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2009, utilizando-se como ferramenta um questionário sem a identificação dos alunos para garantir o anonimato de todas as informações prestadas quando da divulgação dos resultados de estudo, constituído de quatro questões que abordavam os aspectos relacionados à disciplina Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), visando a descobrir possíveis ideias ou soluções para um problema por meio da discussão do tema.

Na ocasião, as respostas foram registradas a mão e de maneira integral como forma de validação e, posteriormente, todo o material encadernado com cópias da versão final do trabalho foram entregues à UNIGRANRIO, para que todos tivessem acesso às informações.

Os dados foram analisados por meio do emprego da estatística descritiva (LAVILLE, 1999), porém com maior ênfase no conteúdo dos questionários e

⁴O estudo etnográfico é a tentativa de descrição cultural. Geertz (1973) utiliza o termo "descrição densa", que ele tomou emprestado do filósofo Gilbert Ryle, para designar o que pretende a etnografia. Segundo ele, a cultura, como um sistema de símbolos construídos, "não é um poder, algo a que se atribui a causa de eventos sociais, comportamentos, instituições ou processos: é um contexto, algo segundo o qual os símbolos podem ser inteligíveis — densamente — descritos". O etnógrafo encontra-se, assim, diante de diferentes formas de interpretações da vida, formas de compreensão do senso comum, significados variados atribuídos pelos participantes às suas experiências e vivências, e tenta mostrar esses significados múltiplos ao leitor.

das falas durante as aulas, numa tentativa de identificar e categorizar aspectos relevantes da experiência e da vivência apontados pelos alunos.

4. Resultados e discussão

Ao nos aproximarmos dos alunos, percebemos que aqueles que não tinham convivência com pessoas surdas apresentavam rejeição pela disciplina LIBRAS. Notamos então a necessidade de com o tempo contribuirmos para a descoberta de novos conceitos, relações, formas de entendimento da realidade, visando à passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, e desta para a consciência prática sobre a surdez e a língua de sinais.

Entendemos por conscientização um processo-projeto permanente, em constante confronto com o mundo cultural, ante o qual o homem se percebe como ser-ao-mundo e no-mundo. Diz Paulo Freire:

A conscientização é, neste sentido, um teste da realidade. Quanto maior a conscientização, mais se des-vela a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto ante o qual nos encontramos para analisá-lo. Por essa razão a conscientização não consiste em estamos diante da realidade assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da práxis, isto é, sem o ato de ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui de maneira permanente o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens (FREIRE, 1974).

O contato com os alunos permitiu-nos perceber melhor os aspectos até então desconhecidos por nós quanto ao processo de inclusão de uma nova disciplina em matrizes curriculares consolidadas. O sentido dado a essas experiências constituiu a realidade, ou seja, um cenário *socialmente construído* estruturado em suas fases como: **Percepção** — Como qualifico o diferente? O que conheço dos outros? Como me vinculo a eles? **Reconhecimento** — Como vivem? Por que têm outros valores? Como aplico técnicas de conhecimento? **Valorização crítica**, as causas dos conflitos — aprender a reconhecê-los, adotar uma atitude positiva e interagir para crescer.

4.1 O contexto das salas de aulas

No decorrer das aulas notamos maior interesse e motivação dos alunos pela disciplina, fato que não ocorria no início. Nesse momento todos já estavam curiosos e sensibilizados para a aprendizagem da língua de sinais e queriam mostrar o que haviam aprendido. Esse novo olhar apareceu de forma positiva nos relatos que apresentamos a seguir. Vale ressaltar que os números atribuídos a eles re-

presentam a recorrência encontrada em outros depoimentos e nos remeteram ao sentido das falas evidenciadas abaixo:

Passei a entender um pouco mais o surdo e assim a sua linguagem, a forma de se expressar e comunicar. (8)

Uma linguagem para todos. (50)

A possibilidade de inclusão. (30)

Disciplina indispensável não só para os profissionais da educação, como para toda a sociedade. (10)

Despertou o interesse pelo tema. (200)

É essencial principalmente para aqueles em que a LIBRAS é a única forma de comunicação. (180)

Aprender e conhecer outros mundos. (15)

Interessante e dinâmica, exige dedicação e estudo. (90)

LIBRAS é muito importante para a inclusão definitiva dos surdos na sociedade. (70)

A contribuição da disciplina para no futuro poder atuar com 'alunos especiais'. (17)

Aprender LIBRAS ou qualquer forma alternativa de estabelecer comunicação é muito bom porque podemos ampliar o nosso universo comunicativo, no caso, nós, professores, poderemos ministrar nossas aulas em LIBRAS. (03)

Fiquei fascinado em aprender, para mim é como aprender um novo idioma, minha curiosidade aumenta a cada aula. (22)

É uma língua fabulosa e muito expressiva e de fácil aprendizagem. (2)

Aprender LIBRAS é questão de sociabilidade. (1)

Agora, por ter sido obrigada pela faculdade a cursar a disciplina, percebo a importância do aprendizado, o quanto é interessante nos colocarmos no lugar de uma pessoa surda e como me sentirei útil em poder me comunicar em LIBRAS. (1)

Os aspectos positivos e negativos apontados pelos discentes durante a inclusão da disciplina LIBRAS comprovam que quanto mais pessoas tiverem contato direto e mais cedo com a língua de sinais e a cultura surda, mais compreensão haverá na sociedade sobre as necessidades especiais dessa minoria linguística. Talvez haja também maior entendimento sobre os perigos inerentes à classificação, pura e simples, da surdez como deficiência. Sacks nos chama a atenção sobre a importância da aquisição de conhecimentos sobre LIBRAS quando declara a sua ignorância a respeito da situação dos surdos:

Somos notavelmente ignorantes a respeito da surdez, muito mais ignorantes do que um homem instruído teria sido em 1886 ou 1786. Ignorantes e indiferentes [...]. Eu nada sabia a respeito da situação dos surdos, nem imaginava que ela pudesse lançar luz sobre tantos domínios, sobretudo o domínio da língua. Fiquei pasmo com o que aprendi sobre a história das pessoas surdas e os extraordinários desafios (linguísticos) que elas enfrentam, e pasmo também ao tomar conhecimento de uma língua completamente visual, a língua de sinais, diferente em modo de minha própria língua, a falada [...] (OLIVER SACKS, 1998, p.57).

4.2 Os processos de mudança e de adaptação vivenciados pelos alunos

O fato é que a chegada de uma disciplina nova acarreta mudanças substanciais no interior da Universidade, principalmente por ser uma disciplina que 90% dos alunos desconheciam e rejeitavam. Identificavam a surdez não como uma diferença, mas uma deficiência. E a LIBRAS? É a mímica, a linguagem “dos cegos”; serve para as pessoas caçoarem umas das outras, sem estruturação, sem sentidos, como apontado anteriormente. Segundo Botelho (2002):

O estigma e o preconceito fazem parte do nosso mundo mental e atitudinal, tendo em vista que pertencemos a categorias — mulheres, negros, analfabetos, políticos, professores, judeus, velhos, repetentes na escola, pós-graduados, estrangeiros, desempregados — que são recebidas com pouca ou muita ressalva por um grupo determinado. Não importa à qual grupo pertencamos, mas sim à qual queiramos pertencer, e é direito de cada indivíduo escolher o lugar na sociedade a que melhor se adapte. (BOTELHO, 2002, p.26)

A aceitação se manifesta quando os alunos passam a lidar de forma mais tranquila e segura com a LIBRAS e começam a refletir que a língua de sinais é tão eficaz quanto a oral, pois é plena e tem estrutura gramatical própria, permitindo a expressão de qualquer significado, contendo todos os mecanismos adequados de comunicação. Conforme Skliar observa:

A língua de sinais constitui o elemento identificatório dos surdos, e o fato de constituir-se em comunidade significa que compartilham e conhecem os usos e as normas de uso da mesma língua, já que interagem cotidianamente em um processo comunicativo eficaz e eficiente. Isto é, desenvolveram as competências linguística e comunicativa — e cognitiva — por meio do uso da língua de sinais própria a cada comunidade de surdos (SKLIAR, 1997, p. 141).

A língua de sinais permitirá que os surdos constituam uma comunidade linguística diferente, e não que sejam vistos como um desvio da normalidade. Mas ela ainda é utilizada por um grupo muito restrito, o qual vive em desvantagem social, em desigualdade, e que participa limitadamente da vida da sociedade majoritária. Apesar de muitas pesquisas demonstrarem que a língua de sinais cumpre as funções traçadas para as línguas naturais, ela é muito desvalorizada.

Os relatos apresentados a seguir traduzem, ao término do semestre letivo, a experiência positiva com a inclusão da disciplina LIBRAS. Vale ressaltar novamente que os números atribuídos a eles representam a recorrência encontrada em depoimentos, e nos remetem ao sentido que se evidencia a seguir:

Sei que existe uma comunidade surda. Entendo que é muito importante para o surdo aprender desde cedo LIBRAS e que também é importante para os ouvintes aprenderem LIBRAS. Esse aprendizado pode quebrar preconceitos e ajudar na inclusão das pessoas surdas em lugares e profissão onde até agora isto é quase impossível devido ao desconhecimento e ao preconceito de muitos ouvintes. (1)

Aprender e conhecer outros mundos. (5)

Despertou o interesse pelo tema e a necessidade de buscar outros conhecimentos. (200)

Conseguimos manter um diálogo com uma pessoa surda. Podemos ensinar o que aprendemos em casa, na igreja. (80)

LIBRAS é essencial. Importante. Deveria ser obrigatória em todos os cursos, independente de se ser professor ou não. (100)

Passei a entender um pouco mais o surdo e assim a sua linguagem, a forma de se expressar e comunicar. (55)

LIBRAS é uma linguagem para todos. É uma disciplina dinâmica, prática. Possibilita a inclusão. (199)

A curiosidade e a vontade em aprender a cada nova aula. A contribuição da disciplina para no futuro poder atuar com alunos especiais. Segurança para manter um diálogo com pessoas surdas. (38)

Despertou o interesse. Aprendemos a valorizar. Outra visão sobre a disciplina. É um mundo novo. (200)

Despertou o interesse em ser professor de LIBRAS. Mudou a percepção em relação às pessoas surdas. Mudou o meu olhar, hoje as vejo com amor e atenção, respeito e admiração. (89)

Conseguo perceber a beleza da língua, suas especificidades e gramática. Com a inserção da disciplina conseguiremos atuar na construção de ambientes educacionais de inclusão. (79)

Essa aula abre os nossos olhos em relação a muitas coisas: vejo como os deficientes são inteligentes, emotivos e raciocinam rápido, como sou vendedora, aprendi a me comunicar melhor e a atender às suas necessidades [pessoas surdas]. (1)

Hoje percebo que as pessoas surdas são mais inteligentes e capazes do que eu imaginava que fossem. Vejo que a LIBRAS me mostra além do que posso falar. E a mudança se deu pelo despertar de uma realidade com a qual anteriormente eu não tinha nenhum contato, e hoje tenho a convicção de que somos todos normais. (5)

Onde moro há um pequeno grupo de surdos. Quando os vejo na rua, fico toda feliz ao tentar uma comunicação não-verbal com a LIBRAS e sempre fico atenta aos sinais que não conheço. Perdi o medo. A língua de sinais expressa sentimentos. Passei a olhar o deficiente auditivo. Estudar, aprender e divulgar o estudo de LIBRAS não são ações somente para os surdos, mas para TODOS. (8)

5. Enfim, reconhecendo a cultura surda

Há pessoas surdas em todos os estados brasileiros e muitas delas vêm se organizando e formando associações pelo país — as comunidades surdas brasileiras. Como o Brasil é muito grande e diversificado, essas comunidades se diferenciam regionalmente em relação a hábitos alimentares, vestuário e situação socioeconômica, entre outros. Estes fatores geram também variações linguísticas regionais.

As comunidades urbanas surdas no Brasil têm como fatores principais de integração a LIBRAS, os esportes e as interações sociais, por isso, elas têm uma

organização hierárquica constituída por uma Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), seis federações desportivas e aproximadamente 113 associações/clubes/sociedades/congregações em várias capitais e cidades do interior (Informações da diretoria da FENEIS³).

Os surdos que frequentam esses espaços convivem com duas comunidades e culturas: a dos surdos e a dos ouvintes, e precisam utilizar duas línguas: a LIBRAS e a língua portuguesa. Portanto, numa perspectiva sociolinguística e antropológica, uma Comunidade Surda não é um *lugar* onde pessoas deficientes, que têm problemas de comunicação, se encontram, mas um ponto de articulação política e social, porque cada vez mais os surdos se organizam nesses espaços enquanto minoria linguística e lutam por seus direitos linguísticos e de cidadania, impondo-se não pela deficiência, mas pela diferença.

Vendo por esse prisma, pode-se falar de Cultura Surda, ou seja, Identidade Surda. O surdo é diferente do ouvinte porque percebe e sente o mundo de forma diferenciada e se identifica com aqueles que também, apreendendo o mundo como surdos, possuem valores que vêm sendo transmitidos de geração em geração, independentemente da cultura dos ouvintes, na qual também se inserem.

Os ouvintes ainda têm dificuldade em admitir que os surdos tenham processos culturais peculiares. Dessa forma, muitos continuam a tratar os surdos apenas como um grupo de deficientes ou incapacitados³, pertencentes a culturas desconhecidas e ignoradas, tidas como cultura patológica, subcultura ou não cultura. Essas representações usualmente embasam as perspectivas comuns segundo as quais os surdos são narrados de forma negativa, como se fossem menos que os chamados *normais*.

Para Almeida,

O drama dos surdos está menos ligado à sua enfermidade do que às razões psicológicas que rapidamente se transformam em efeitos patológicos. A causa profunda desse drama encontra-se ligada à incompreensão da sociedade, que não o vê como diferente, e sim como deficiente. (ALMEIDA, 2000, p.3)

Nesse sentido, entendem-se culturas surdas como identidades culturais de grupos de surdos que se definem enquanto grupos diferentes de outros grupos. "Identidade" é compreendida aqui no sentido explicitado por Silva (2000): como o conjunto de características que distinguem os diferentes grupos sociais e culturais entre si. No campo dos estudos culturais, a identidade cultural só pode ser inferida como um processo social discursivo.

³ FENEIS — Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Trata-se de uma entidade de caráter educacional, sociocultural e assistencial, sem fins lucrativos, que vem buscando o resgate da pessoa surda e tem como principal bandeira a luta pelos direitos de igualdade de condições e de qualidade de vida dessa pessoa.

Como diz Perlin,

Os surdos são surdos em relação à experiência visual e longe da experiência auditiva. Essas culturas são multifacetadas, mas apresentam características que são específicas em relação às experiências surdas, elas são visuais, elas se traduzem de forma visual por meio da língua de sinais. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. Elas são de outra ordem, uma ordem com base visual e, por isso, têm características que podem ser ininteligíveis aos ouvintes. Elas se manifestam mediante a coletividade que se constitui a partir dos próprios surdos. (PERLIN, 1998, p. 54)

Considerações finais

Este trabalho se propôs uma reflexão acerca da importância do uso e da difusão da língua brasileira de sinais para uma verdadeira INCLUSÃO, da possibilidade de a língua de sinais ser considerada um processo dinâmico, vivo, construído coletiva e historicamente, não uma mera ferramenta para a comunicação, mas sim um processo que permeia todo o desenvolvimento do ser humano, constituindo suas funções superiores de pensamento e desenvolvendo suas potencialidades.

O valor atribuído à disciplina foi tanto que, dos 233 alunos, 200 pretendem dar continuidade ao ensino de LIBRAS e, com a atenção dada à língua, conseguiram também despertar o interesse dos professores e dos funcionários que procuram cursos em LIBRAS. A inclusão desta disciplina contribuiu para a descoberta de novos conceitos, novas relações e formas de entendimento da realidade da pessoa surda.

A educação é um instrumento de mudança. É ela que, direta ou indiretamente, conduz as transformações cruciais em nossa sociedade, em nossa história, pois carrega o cerne da manifestação humana — a comunicação —, ferramenta indissociável de qualquer cultura, na qual a presença central é o ser humano. Com a educação, repassamos as informações através da história, e a cultura permanece, sustentando a existência do homem e expandindo-a cada vez mais, delineando os contornos que marcam sua presença, sua existência.

Como sugestão para novas pesquisas, contabilizamos a insatisfação dos alunos durante o processo de inclusão da disciplina; o fato de 233 alunos terem solicitado aumento da carga horária e que a disciplina seja oferecida em dois semestres; que haja a oferta de cursos extracurriculares pela Universidade. Sentimos também a necessidade de haver um *laboratório de estudos e pesquisas na educação do surdo*, em que não só o público universitário seja contemplado, mas toda a comunidade. Um espaço de troca, pesquisa, interação, socialização, em conexão com outras disciplinas, privilegiando o crescimento acadêmico, onde os próprios alunos da Universidade sejam estimulados para a produção

de material pedagógico em LIBRAS, com a participação do setor de informática favorecendo a produção de vídeos didáticos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Elizabeth Oliveira Crepaldi de. *Leitura e Surdez: um estudo com adultos não oralizados*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BARBOSA, A. J. G. *Computadores e psicologia: ensino, pesquisa e prática profissional*. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia). Centro de Ciência da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas / SP.

BOTELHO, Paula. *Linguagem e Letramento na Educação dos Surdos: ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CAMPOS, M. M. M. Pesquisa participante: possibilidades para o estudo na escola. *Cadernos de Pesquisa*, n. 49, 1984.

CAPOVILLA, Fernando César. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue: Língua Brasileira de Sinais*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez, 1986.

FELIPE, Tanya A. *Libras em contexto: curso básico do professor*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora WallPrint, 2008.

FREIRE, Paulo. *Conscientização*. Buenos Aires: Ed. Búsqueda, 1974.

QUADROS, Ronice Muller de. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial (SEESP), 2006.

_____. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LAVILLE, Christian. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

REZENDE, Antonio Muniz de. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTORO, I. M. C. *Simulador de teclado para portadores de paralisia cerebral: avaliação e adaptação para português*. Madrid: Alba s/a, 2000. v. I, p. 31-40.

SKLIAR, Carlos (Org.). *Educação & Exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

_____. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

Sites consultados:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 10 de julho de 2009.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/D5626.htm. Acesso em: 10 de julho de 2009.